

ATIVIDADES COM GESTANTES E FAMILIARES: O Vínculo Como Estratégia de Trabalho no Campo Grupal¹

Viviane Spanenberg Boff²
Gisele Trevisan³
Lilian Lucatelli Uik³
Daniela Zeni Dreher⁴
Joseila Sonogo⁴
Karina Ribeiro Rios⁴

RESUMO

Introdução: durante a gestação, a família passa por ajustes biopsicossociais. Nesse período as adaptações inerentes ao processo podem trazer tanto alegrias como angústias e dúvidas. O trabalho voltado às gestantes em grupos possibilita vivenciar esse momento proporcionando às famílias espaço de discussão e expressão acerca da maternidade/paternidade, auxiliando na elaboração de uma nova situação de vida. Com esse objetivo, há dezenove anos, é desenvolvida a atividade de extensão: Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares, que atualmente se configura de forma interdisciplinar. **Objetivos:** realizar revisão de literatura contemplando temas que sustentem a proposta de trabalho no campo grupal, abrangendo a teoria do vínculo e o significado da tarefa em um Grupo Operativo. **Metodologia:** revisão de literatura, com busca em livros e artigos científicos na Biblioteca Virtual em Saúde. **Resultados:** o trabalho possibilitou aprofundamento teórico para a realização do trabalho no campo Grupal com Gestantes e seus Familiares.

Palavras-chave: grupo; operativo; gestante; vínculo; tarefas

¹ Trabalho realizado a partir do Projeto de Extensão: Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares da UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

² Estudante do Curso de Nutrição do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – (UNIJUÍ); Bolsista PIBEX do Projeto de Extensão Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares. E-mail: vivi_boff@hotmail.com

³ Estudantes do curso de Fisioterapia do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ); Bolsistas Voluntárias do Projeto de Extensão Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares. E-mail: gisatrevi@hotmail.com; lilianuik@gmail.com

⁴ Fisioterapeuta. Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia da Universidade Regional do Noroeste de Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Mestre em Engenharia de Produção pela UFSM. Coordenadora do Grupo de Extensão Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares. E-mail: daniela.dreher@unijui.edu.br

⁴ Enfermeira. Professora Adjunta do Curso de Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste de Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Extensionista do Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares. E-mail: joseila.sonogo@unijui.edu.br

⁴ Nutricionista. Professora Adjunta do Curso de Nutrição da Universidade Regional do Noroeste de Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Extensionista do Grupo de Extensão Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares. E-mail: Karina.rios@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

Durante a gestação, a família passa por uma série de mudanças. A partir da notícia da chegada de um novo membro no seio familiar há uma mobilização de sentimentos, visto que a gestação implica em mudança de identidade, gerando nos futuros pais e futuros avós, dúvidas sobre como agir nesse novo papel que está por vir (VAN DER SAND, 2010). O Projeto Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares da UNIJUÍ, teve origem em um componente curricular, criado em 1992 no curso de Enfermagem. A experiência desta atividade que originou o Grupo de Gestantes e Familiares, no entanto possuía meramente a intenção de transmitir informações para o grupo acerca do assunto relacionado ao período gestacional. A partir do ano de 2006, o grupo assumiu a metodologia atual, tornando-se um grupo operativo (STRASSBURGER e DREHER, 2006).

De acordo com Strassburger e Dreher (2006), a dinâmica do Grupo Operativo de Suporte a Gestantes e Familiares contempla duas atividades distintas: a primeira que se conforma no grupo de coordenação, formado por quatro professores e em torno de cinco acadêmicos dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Psicologia. É realizado uma reunião semanal com o objetivo de planejamento do encontro seguinte e avaliação do anterior. Ao iniciar o semestre, o grupo da coordenação mantém reuniões que são anteriores e posteriores ao início da atividade de extensão em si, planejando os encontros do semestre e realizando sessões de estudos dirigidos. Quando a atividade de extensão encerra, são realizados os planejamentos necessários para a edição do próximo semestre, isto inclui divulgação através de cartazes e meios de comunicação. No segundo momento, o grupo se conforma através da coordenação e das gestantes e seus familiares, com um encontro semanal. Esta atividade se caracteriza por proporcionar um espaço de fala, onde as pessoas envolvidas estão passando pelo mesmo processo, o da maternagem, oportunizando questionamento e trocas de experiências entre os participantes.

As mesmas autoras salientam que a coordenação e as gestantes e seus familiares se reúnem numa frequência de oito encontros, uma vez na semana. Os temas a serem abordados são pré-definidos, mas servem apenas como pretexto, pois se trabalha com a demanda do grupo de modo a suprir as necessidades que este apresenta em um determinado momento.

A contextualização acerca da teoria que dá suporte a atividade de extensão, realizada com gestantes e familiares é o objetivo central desta revisão sistemática da literatura. Desta forma, pretende-se contemplar temas que sustentam a proposta de trabalho no campo grupal, abrangendo a teoria do vínculo e o significado da tarefa em um Grupo Operativo de forma a compreender a importância destes no trabalho com as gestantes.

METODOLOGIA

Revisão de literatura acerca da teoria relativa a grupo operativo com busca em livros e artigos científicos no site da Biblioteca Virtual em Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram consultados diversos materiais bibliográficos dentro da temática especificada como objetivo deste trabalho, de forma a contextualizar a proposta de trabalho no campo grupal. Da forma como segue a descrição relatada a seguir:

O ser humano busca conviver em certos grupos, mais específicos, em determinadas fases de sua vida, especialmente em momentos de crise, quando sente necessidade de ser acolhido e identificado com pessoas que vivenciam as mesmas situações que as suas (SARTORI e VAN DER SAND, 2004).

A fase da gestação é uma dessas situações, quando a mulher e companheiro/família passam por uma série de mudanças em suas vidas. Conforme Viçosa (1997), neste período, além das mudanças corporais da mulher, vai acontecer mobilizações emocionais em sua vida, para adaptar-se ao novo papel que lhe é dado a partir desta vivência.

Ao mencionar o termo grupo, consideramos o conceito de Pichon-Rivière (2000) *apud* Sartori e Van der Sand (2004) que diz: “grupo é o conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna.

Para Abduch (1999), grupo operativo consiste numa técnica de trabalho com grupos cujo objetivo é promover de forma econômica, um processo de aprendizagem, ou seja, uma atitude investigadora, na qual cada resposta obtida se transforma, imediatamente, numa nova pergunta. Para que se constituam em um grupo, há necessidade de se vincular e interagir, no sentido do objetivo comum. Dessa forma, Pichon (2000) *apud* Abduch (1999) define como princípios organizadores de um grupo operativo o Vínculo e a Tarefa. Vínculo é uma estrutura psíquica complexa, estrutura essa, que rege todas as relações humanas, ao incluir, no esquema de referência, o conceito de um mundo interno em contínua interação, origem de fantasias inconscientes. A fantasia inconsciente é então produto de interação de vínculos entre os sujeitos. Na teoria pichoneana de grupos operativos, essa estrutura tem um caráter social, pois compreende que, mesmo quando duas pessoas se relacionam, há entre elas outras figuras internalizadas, que estão presentes nessa relação, tendo dessa forma uma estrutura triangular, bi-corporal e tri-pessoal. Isto é, em todo vínculo há a presença sensorial corpórea dos dois, mas há um personagem do mundo interno, que está sempre interferindo nessa relação, que é o terceiro.

Ainda segundo o autor supracitado, o vínculo é um processo motivado que tem direção e sentido, isto é, tem um porquê e um para quê? Identificamos se o vínculo foi estabelecido, quando somos internalizados pelo outro e internalizamos o outro dentro de nós, quando ocorre uma mútua representação interna, ou quando a indiferença e o esquecimento deixam de existir na relação, sendo assim, passamos a pensar, a falar, a nos interessar, a discordar, a sonhar com o outro ou com o grupo.

O trabalho no campo grupal pode se apresentar em três momentos distintos: a pré-tarefa, a tarefa e o projeto. O momento da pré-tarefa é caracterizado

pelas resistências dos integrantes do grupo ao contato com os outros e consigo mesmo, na medida em que o novo gera ansiedade e medo, medo de perder o próprio referencial, de se deparar com algo que possa surpreender e por sua vez suspender suas velhas e cômodas certezas acerca de si e do mundo. A partir do momento em que o grupo aprende a problematizar, verdadeiramente, os obstáculos que emergem na concretização de seus objetivos, passando a elaborar as ansiedades básicas, romper com as estereotípias, abrir-se para o novo e o desconhecido, pode-se dizer que o grupo entrou em tarefa, pois podem elaborar um projeto viável. O projeto surge como algo inerente a tarefa, ocorrendo quando todos os membros do grupo passam a elaborar estratégias e táticas para produzir uma mudança. Essa mudança é o objetivo primordial de todo grupo operativo, envolvendo um processo gradativo, que por sua vez, voltariam a modificar o sujeito, assumindo diferentes papéis e posições frente à tarefa grupal (RITTER et al, 2009; ABDUCH, 1999; BASTOS, 2010; CARNEIRO, 2001).

A experiência relatada por Sartori e Van Der Sand (2004) considera que a atividade pode ser significativa para seus participantes, constituindo-se em importante recurso para assistir as pessoas. Este “assistir” tem relação direta com a área da saúde, possibilitando o acolhimento destas pessoas nesse momento transitivo de suas vidas.

CONCLUSÕES

A condição de gestar um filho gera necessidade de adaptação às novas condições, por esta razão, as pessoas envolvidas buscam maneiras de viver estes momentos de modo a minimizar ansiedades, fantasias e temores latentes. O grupo de gestantes é uma maneira de transformar este latente em manifesto quando seus participantes se expressam em relação ao processo de gestação, nascimento e as futuras relações familiares. Por meio de um jogo de iguais, há condições para a formação de um espaço de considerável poder terapêutico para seus participantes. Este potencial se legitima na medida em que

possibilita às pessoas interagir no campo grupal, elaborando seus sentimentos em relação ao momento vivido.

O trabalho no campo grupal demanda da equipe coordenadora um vasto saber sobre o tema abordado, possibilitando um processo educacional que oportuniza aos acadêmicos a vivência profissional através da responsabilidade de coordenar as atividades grupais, participando dos processos de seleção de novos membros da equipe e organizando as atividades referentes à sua área de conhecimento. Aos professores, é possível colocar em prática o trabalho de cunho interdisciplinar, demonstrando os vários fazeres e saberes junto aos colegas, construindo assim um conhecimento mais rico que vem a acrescentar o ensino até mesmo em sala de aula. Já para as gestantes e seus familiares, o Grupo oportuniza um espaço onde as dúvidas, angústias e alegrias, podem ser expostas, de forma que há uma troca de experiências que proporcionam um amadurecimento e conseqüente aprendizado.

Tendo como base as perspectivas descritas até aqui a respeito da gestação e do enquadre grupal, os estudos apontaram que a participação em grupos, por parte das pessoas envolvidas com o processo de gestar, tem se mostrado de grande valia. O Grupo de Gestantes vem trazer aspectos terapêuticos e oferecer suporte a estas pessoas, uma vez que, segundo Munari e Rodrigues (1997) “um grupo pode ajudar pessoas durante períodos de ajustamentos a mudanças, no tratamento de crises ou ainda na manutenção ou adaptação a novas situações”.

REFERÊNCIAS

- ABDUCH C. **Grupos Operativos com Adolescentes**. In: Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde do Adolescente e do Jovem. Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento, v.1, Brasília, DF, agosto, 1999. p. 213-222.
- BASTOS, A. B. B. I. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon**. Psicólogo Informação ano 14, n, 14 jan./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/PINFOR/article/view/2348/2334>>. Acesso em: 07 jun. 2011.
- CARNEIRO, D. **Prática em Grupo Operativo no Serviço de Hemodiálise do Hospital Geral de Fortaleza**. 2001. Disponível em: <<http://www.campogrupal.com/grupoperativo.html>>. Acesso em: 22 jun. 2011.
- MUNARI, B. D.; RODRIGUES, A. R. F. **Enfermagem e grupos**. Goiânia: AB, 1997.
- RITTER, et al. **Grupos Operativos Pichón Rivière (1907-1977)**. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/eenf/enfermagem/disciplinas/enf03008/material/pichon.ppt>>. Acessado em: 10 jun. 2011.
- SARTORI, G. S.; VAN DER SAND, I. C. P. – **Grupo de Gestantes: espaço de Conhecimentos, de Trocas e de Vínculos entre os Participantes**. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 06, n. 02, 2004. Disponível em: <www.fen.ufg.br>. Acesso em: 19 jun. 2011.
- STRASSBURGER, S. Z.; DREHER, D. Z. **A Fisioterapia na Atenção a Gestantes e Familiares: Relato de um Grupo de Extensão Universitária**. Scientia Medica, Porto Alegre: PUCRS, v. 16, n. 1, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/scientiamedica>>. Acesso em: 07 jun. 2011.
- VAN DER SAND, I.C.P. **Atividade grupal operativa com gestantes: interlocução de saberes no campus universitário do CESNORS/Palmeira das Missões**, 2010. Ministério da Educação. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Centro de Educação Superior Norte – CESNORS. Departamento de Enfermagem. Disponível em: <www.cesnors.ufsm.br>. Acesso em: 07 jun. 2011.
- VIÇOSA, G. R. **Grupos com gestantes**. In ZIMMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. Como Trabalhamos com Grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.305-9.